



MEMÓRIAS EM TORNO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO DE NOVO HAMBURGO (1923-1968): ESCOLA JOSÉ DE ANCHIETA

Maria Goréti da Cunha Bernardes – mariagcbernardes@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0001-5855-1049>

José Edimar de Souza – jesouza1@ucs.br
Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0003-1104-9347>

RESUMO: A história das instituições escolares é um campo de investigação que tem se ampliado nas últimas décadas, especialmente, no que se refere aos aspectos culturais, ao interior da escola, aos modos de fazer e aos sentidos atribuídos pela comunidade escolar. O objetivo foi compreender como se desenvolveu a escolarização na escola municipal José de Anchieta, situada na localidade de São João do Deserto, bairro Lomba Grande, Novo Hamburgo. Além disso, as várias facetas passadas na trajetória de uma escola, por quais processos passou, como a escolarização se desenvolveu foram algumas das questões que procuramos responder com esta pesquisa. A perspectiva teórica para análise das memórias e documentos em torno da escola José de Anchieta sustenta-se na história cultural. A escrita da história é aqui entendida como uma prática cujas narrativas dos sujeitos e os documentos contribuem ainda para conhecer e compreender a trajetória de uma instituição escolar e o contexto em que está inserida. Como metodologia nos valem da pesquisa documental e realização de entrevistas de história oral. Como resultados, identificamos, por meio de lembranças de alunos entrevistados, algumas metodologias da prática docente, na perspectiva da História da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Instituições escolares; escola no meio rural; Escola José de Anchieta.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história das instituições escolares é um campo de investigação que tem se ampliado nas últimas décadas, especialmente, no que se refere aos aspectos culturais, ao interior da escola, aos modos de fazer e aos sentidos atribuídos pela comunidade escolar. Nosso objetivo nesta pesquisa foi compreender como se desenvolveu a escolarização na escola municipal José de Anchieta, situada na localidade de São João do Deserto, bairro Lomba Grande, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

As pesquisas referentes à instituições educativas se caracterizam como um campo propício para se compreender diferentes contextos da História da Educação. Na primeira metade do século XX, as instituições escolares, sobretudo de ensino primário no Brasil, passam por um processo de transformação. A influência do pensamento positivista e o advento do governo republicano no país contribuíram para caracterização de representações que vinculavam não apenas às ideias de nacionalismo e progresso, mas associavam uma determinada arquitetura escolar ao desenvolvimento e modernidade que se projetava pela educação do povo; garantia do regime político nacional. Nesse sentido, para que

possamos compor aspectos da história da Escola José de Anchieta é preciso que conheçamos o contexto onde a mesma está inserida. Sua situação geográfica, seu Município sede, Novo Hamburgo, como se identifica em vermelho no mapa da figura 1, bem como os números que a compõem, fazendo assim uma radiografia de uma escola da zona rural quase encravada na região metropolitana

Figura 1 - Características gerais e mapa de Novo Hamburgo no RS

Características geográficas	
Área	223,606 km ²
População	258.754 hab. est. 2006
Densidade	1.157,2 hab./km ²
Altitude	57 metros
Clima	Não informado
Indicadores	
IDH	0,809 PNUD/2000
PIB	R\$ 2.949.087.436,00 IBGE/2016
PIB per capita	R\$ 11.871,95 IBGE/2016



Fonte: Bernardes (2006, p. 11)

A Escola Municipal de Ensino Fundamental José de Anchieta, está situada na localidade do São João do Deserto, bairro Lomba Grande, zona rural do município de Novo Hamburgo.

O que torna um documento relevante é a análise que se faz dele, não o documento em si. São as perguntas que o pesquisador elabora e as lentes que utiliza para analisar teoricamente, que possibilitam recompor cenários vividos a partir de vestígios e dos instrumentos escolhidos pelo investigador. Nesse sentido, como argumenta Ragazzini (2001), o corpus documental implica reconhecer, atribuir, distinguir, selecionar e interpretar o que se escolhe analisar.

A Memória, entendida como documento, fornece ao historiador alguns indícios que permitem a produção de leituras do passado, do vivido pelos indivíduos, daquilo de que se lembram e esquecem a um só tempo. Portanto, a memória é uma construção social que representa um modo elaborado pelos sujeitos de lembrar o passado. É pela narrativa que o passado adquire um sentido prático, Chartier (1990), pelo qual conseguimos acessar representações significadas nas ações empreendidas no tempo. É desse modo que conhecemos um pouco do passado vivido, da tomada de decisões e das escolhas da vida cotidiana.

Alberti (2004, p. 37) argumenta que o trabalho com história oral envolve “[...] gravação de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos [...] modos de vida da história contemporânea”. Nesse sentido, a referida autora ainda acrescenta que as memórias consideradas como narrativa, como fonte histórica, não são neutras. E embora a narrativa de história oral constitua o passado, isso não significa que o passado não tenha existido antes dela. Desse modo, as memórias representam possíveis versões do passado.

Neste estudo, além da análise de documentos identificados no arquivo da referida escola nos valem de entrevista com alunos e professores egressos¹ desta instituição, pautando nosso roteiro a partir de questões que procuraram conhecer e compreender como aconteceu o processo de escolarização desenvolvido nesse lugar. Nesse sentido, como argumenta Chartier (2002), as narrativas apresentam versões de um passado que buscamos recompor à luz da história cultural, entendendo que tais memórias foram produzidas em um determinado espaço e tempo e carregam consigo vestígios de um passado vivido e representado no ato de narrar sobre os acontecimentos a partir da percepção de cada sujeito e do modo como rememoram sobre tais acontecimentos.

Os registros, no livro ata e no álbum de fotografias da instituição², encontrados na escola desta comunidade indicam que a escola funcionou desde 1923 até 1938 como “Aula Federal Mixta de São João

¹ Neste trabalho evidenciamos excertos das entrevistas de história oral realizadas com egressos da instituição, cuja trajetória de escolarização deu-se em diferentes espaços de funcionamento da escola, alunos que estudaram entre as décadas de 1940 e 1960, bem como um professor que também foi aluno neste educandário. Trata-se de sujeitos que ainda residem nesta localidade, estudaram, constituíram suas famílias e permanecem no meio rural até o presente momento da realização destas entrevistas. Portanto, se caracterizam por um grupo social que ou escolheu o campo para sua morada bem como, transitam entre o rural e o urbano. Compreendem a faixa etária entre 45 e 88 anos. Professor e aluno Moacir Pereira; Alunos: Osvaldo Haubert, Adalto Scherer, José Carlos Momberger e Silma Nunes Haubert.

² As fontes documentais de nossa pesquisa foram consultadas no arquivo da EMEF José de Anchieta. A escola não possui um arquivo organizado, contudo, na secretaria escolar, foi possível acessar livros de Atas da Escola no período de 1923 a

do Deserto”³. Nesta época funcionava em casas de famílias onde uma professora atendia todos os alunos, em média 25 a 35, independente da série numa mesma sala de aula. Professora esta que vinha da cidade e se hospedava na casa das famílias da localidade. Na época foi construído um espaço (sala) para ser usado como escola que se mudou de lugar por três vezes.

Em 1939, a escola passou a funcionar na Capela São João Batista⁴ que servia de Igreja e também de escola e esta passou a se chamar Escola Municipal José de Anchieta. A comunidade cresceu muito e sentiram a necessidade de construir uma Igreja maior que a existente na localidade para a prática religiosa. Como comenta, Márius Haubert, morador da localidade. Iniciaram a construção e, em 1949 foi concluído o prédio; ficando a partir desta data, a pequena igreja, antiga construção, funcionando como escola, com um professor atendendo de 1ª a 5ª série, em média 40 a 50 alunos.

Figura 3 – Fotos da Capela onde funcionava a Escola



Fonte: Bernardes (2006, p. 13).

Em 10 de setembro de 1940 a escola foi registrada oficialmente com o nome de Escola Municipal José de Anchieta (ATAS EMEF JOSÉ DE ANCHIETA). Nesta época, segundo o professor Moacir Pereira, seu pai, Adyr Pereira, já falecido, morador da localidade, foi convidado para lecionar na escola, de 1952 a 1965, atendendo alunos de uma turma multiseriada.

Em 1966 começou a atender os alunos mais um professor, além do professor Adyr Pereira que passou a ser diretor e professor, dividindo as turmas de 1ª a 5ª série em média 40 a 50 alunos no total. A partir deste ano o professor também respondia pela função de direção da instituição.

1988. Além disso, acessou-se dois álbuns de fotografias que estavam organizados e com legendas de informações, organizados para festa de aniversário da escola, em 2003. Portanto, as fotografias das figuras número 3, 4 e 5 se referem ao arquivo fotográfico desta instituição, acessados por Maria Goréti da Cunha Bernardes, em 2006.

³ Este aspecto também foi desenvolvido por Souza (2012; 2015), quando enfatiza o papel do professor José Afonso Höher, na comunidade de Lomba Grande, nas primeiras décadas do século XX.

⁴ Capela pertencente à Paróquia São José de Lomba Grande – Igreja Católica.

Segundo Osvaldo Haubert (2006), um dos alunos que passou pela escola, e posteriormente foi o primeiro Presidente da Associação de Pais e Mestres (APEMEM), esta comunidade era muito atuante e, no ano de 1971 um grupo de pessoas se organizou e registrou legalmente a APEMEM da Escola. Compraram meio hectare de terra com fundos arrecadados pela Associação e solicitaram, junto aos órgãos municipais, a construção de uma escola e, em 1972, administração pública começou a construção da mesma.

O prédio próprio da escola foi inaugurada em janeiro de 1973, tinha 2 salas de aula, 1 secretaria, 1 cozinha, sanitários para meninos e sanitários para meninas, um total de 150m quadrados de área construída. A partir desta data começaram a trabalhar 3 professores atendendo alunos de 1ª à 5ª série. Existia a funcionária responsável pela alimentação dos alunos, a merendeira.

Figura 4 – Prédio da Escola em 1973



Fonte: Bernardes (2006, p. 15).

Nesta época percebe-se que já se configurava com características de uma escola típica do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Em cinquenta anos aconteceram muitas transformações, porém observamos que poucos alunos aumentaram neste período, no entanto constata-se uma inovação: os alunos passaram a ser atendidos em séries separadas.

De 1973 a 1986 a média de alunos atendidos nesta escola era entre 45 a 50 com três professores; um para 1ª série, outro para 2ª e 3ª série e um para 4ª e 5ª série.

Em 1984 a escola passou a chamar-se Escola Municipal de 1º Grau Incompleto José de Anchieta.

Figura 5 – Visão frontal do prédio da Escola em 1984



Fonte: Bernardes (2003, p. 16)

No ano de 1987 a escola passou a atender também uma turma de Educação Infantil Nível B, aumentando o número de alunos para 60 no total e um professor específico para esta turma.

O Decreto de 17 de fevereiro de 1999 altera todas as escolas de 1º Grau Incompleto para Escola Municipal de Ensino Fundamental, então esta escola passou à seguinte denominação: Escola Municipal de Ensino Fundamental José de Anchieta.

Novo Hamburgo é uma cidade do Estado do Rio Grande do Sul, situada aproximadamente 40 km de distância da capital do estado, Porto Alegre. A história da comunidade de Lomba Grande está relacionada a colonização europeia, que iniciou no século XIX, com a chegada, a partir de 1824, dos imigrantes alemães que começaram a se instalar na colônia de São Leopoldo e logo desenvolveram uma próspera sociedade rural na região do Vale dos Sinos.

Dreher (2008) identifica oficialmente o início da imigração alemã como aquela que partindo de São Leopoldo em 1824, estendendo-se, nos decênios subseqüentes, a noroeste (Feliz, 1845), leste (Mundo Novo, 1847) e sudoeste (Montenegro, 1840) de São Leopoldo. De fato, apesar de iniciativas anteriores, foi esta no Rio Grande do Sul que estabeleceu o ano de 1824 como marco inicial da colonização alemã no Brasil e a data da chegada dos primeiros colonos, dia 24 de julho, como "Dia do Colono". É neste espaço geográfico que os imigrantes alemães vão desenvolver seus vínculos mais fortes com o patrimônio cultural alemão e brasileiro., apontados assim por Kreutz:

Nestes núcleos organizavam suas escolas à semelhança dos países de origem. A própria estrutura física destes núcleos já havia sido pensada para favorecer a dinâmica comunitária. Um grupo de 80 a 100 famílias, em suas pequenas propriedades, organizava-se em torno de um centro, com infra-estrutura de artesanato, comércio, atendimento religioso, escolar e social. A partir e em torno deste núcleo organizava-se a vida sociocultural do grupo, em que a escola e o professor ocupavam lugar de destaque (KREUTZ, 1994, p 154).

Embora sendo de imigração alemã, uma das promessas dos imigrantes era de plena liberdade religiosa. Mas, a Constituição outorgada por D. Pedro I em 1824 determinava que a religião oficial do Império deveria ser a Católica Romana. As demais religiões eram toleradas. Seus cultos deveriam ser praticados em prédios que não possuíssem aparência externa de igreja, ou seja, não poderiam ter torre nem sino. Aos que não professavam a religião oficial era vedado o acesso aos cargos públicos. Apenas a igreja oficial poderia receber auxílio financeiro do Governo. Enquanto os padres católicos eram pagos pelo Governo, os acatólicos deveriam angariar fundos dentro das suas próprias comunidades para pagar os seus clérigos. Quanto aos casamentos a situação ainda era pior. Apenas os celebrados perante sacerdote católico tinham validade. Eram nulos os casamentos efetuados perante Pastores no exterior ou no País. Toleravam-se os casamentos mistos, desde que os filhos professassem a religião católica, e assim por diante.

A inserção da Escola, seu funcionamento, importância, retratam aspectos de influência da cultura alemã na região, pois, eles organizavam sua estrutura comunitária que incluía basicamente a construção da Igreja e da Escola. Estas duas instituições representam a espinha dorsal do sistema. "Quem mexesse nela, intrometia-se no próprio santuário no qual se guardavam e se perpetuavam os valores culturais cultivados durante séculos" (RAMBO, 1994, p.7).

Entendemos que este não é um aspecto determinante para definir o modo como as comunidades se organizaram para ter escola, uma vez que reconhecemos a dificuldade de implantação em muitos lugares que foram colonizados por imigrantes alemães. Contudo, destaca-se em Lomba Grande, desde as primeiras décadas do século XIX, a presença da escola, sobretudo sob a influência protestante, com a escola da comunidade evangélica. Além disso, a presença de aulas públicas, como referimos no início deste trabalho, também se caracterizaram como uma prática desde a década de 1840. Nesse contexto, situamos o modo como sentido da vida em comunidade foi se constituindo para este grupo social. As comunidades tem suas diferenças sim, como qualquer outra, mas quando o assunto, seja qual for, é de interesse da coletividade, como a escola, identificamos que a união prevalece e as forças se multiplicam para que o êxito seja da comunidade, de todos.

2 HISTÓRIA DE ESCOLA NO MEIO RURAL: MEMÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO NA “JOSÉ DE ANCHIETA”

Em Lomba Grande, a história da educação se relaciona à sensibilidade da comunidade e das famílias que cediam compartimentos em suas residências para que fossem ministradas Aulas. O professor, em alguns casos, também era oriundo da sua comunidade, que apesar da instrução mínima, na ausência de um mestre graduado (professor diplomado, dadas às dificuldades do meio físico), desempenhava a docência superando inclusive as dificuldades de falta de material didático, condicionando-se aos soldos provenientes das famílias. (SOUZA, 2014).

A função de lecionar, ensinar, nesta comunidade foi entregue primeiramente a um profissional que, oriundo da cidade, permanecia nas casas das famílias, onde, em uma sala, alfabetizava os moradores. Por vezes permanecia na casa, inclusive nos finais de semana, dada à distância ou às intempéries. Como argumenta Brandão (1990, p. 113):

Analisar os modelos de escolas rurais existentes pode ser um bom começo. As escolas rurais nucleadas, neste sentido, são um modelo, mas falta ainda muito para se alcançar o ideal e idealizado. Vale lembrar que isso só será conseguido a partir do momento em que os modelos já existentes forem considerados na e para a construção de outros. Não há entre eles e seus superiores uma semântica de valorização do trabalho realizado junto às populações rurais. Uma velha professora rural, mulher de sitiante que se divide entre o magistério e o trabalho camponês em casa, é capaz de justificar como vocação sua escolha profissional.

Os professores, sujeitos da investigação, se constroem professores pela prática do exercício da profissão que escolheram. Nesse sentido, remetem às memórias de sua época de alunos de Escolas Isoladas, a forma como seus professores desenvolviam as aulas. Isso implica reconhecer a formação de uma cultura profissional cujas dimensões indentitárias, se processam pela conservação e/ou mudanças de práticas e rotinas, mediadas por relações de socialização profissional (SOUZA, 2014).

A aprendizagem do ofício, para o professor no meio rural, geralmente consistia na conclusão do curso primário. Em Novo Hamburgo, a mantenedora oferecia cursos de formação em serviço. Estas atividades aconteciam no início e no meio do ano letivo, mediante palestras, oficinas e encontros com as supervisoras. Além dessa ação pontual, para garantir o bom desempenho docente dos professores leigos, a prefeitura incentivou que os professores continuassem seus estudos, com parcerias realizadas entre instituições particulares de formação de professores. O recurso do exame supletivo foi o que melhor atendeu a realidade dos sujeitos entrevistados, considerando as adversidades físicas do meio rural (SOUZA, 2015).

Em relação a trajetória da instituição, as aulas iniciaram em 1923, enquanto “Aula Federal Mixta”, a turma era multiseriada, o que significa dizer, que eram atendidos 35 a 40 alunos, de várias faixas etárias,

com interesses e aproveitamentos diferentes. Instalados em uma única sala, cômodo de uma casa de família que dispunha o local para que, além de seus filhos, os vizinhos tivessem a oportunidade de aprender, embora a escola fosse vista por seus agentes como “*obrigatória*”, expressão utilizada pelo aluno Osvaldo (2006), para alguns alunos não existia prazer em participar das aulas.

A partir de 1938, a Igreja passa a ser agente da educação escolar. Como os núcleos rurais eram formados por Escola e Igreja e as cerimônias religiosas só aconteciam aos finais de semana, o prédio foi disponibilizado para a prática educacional, embora as turmas tivessem a mesma formatação. Mesmo com a disponibilização do prédio religioso para uso exclusivo da escola, até o ano de 1965 os alunos permaneciam em uma única sala, o que dificultava o aprendizado e diminuía o interesse, pois os ensinamentos aplicados não conseguiam atingir igualmente a todos.

Ainda em relação às práticas de escolarização na percepção do aluno Osvaldo Jacó Haubert (2006), que frequentou a escola de 1941 a 1944, numa turma multiseriada, assim se refere, sobre as dificuldades do professor rural nesta localidade:

“Eu não aprendi quase nada, o professor passava a lição no quadro e saía da sala (Igreja), os alunos ficavam sozinhos e brigavam. Fui aprender anos mais tarde com a prática (cálculos), pois meu pai tinha uma atafona. I ia à escola porque era obrigado. A Escola não oferecia nada, além do giz e quadro negro; não tinha importância”.

A escola da zona rural tem um olhar peculiar. O século XX também assistiu a inúmeras transformações, no que se refere ao espaço rural, o Brasil passou de uma sociedade eminentemente agrária a uma sociedade industrial, e a cidade assumiu a posição de guia, de modelo dos paradigmas culturais e sociais. As mudanças econômicas e sociais promoveram transfigurações identitárias e, portanto, afirmou-se uma tendência de construção de identidades urbanas, associando à cidade o *status* de progresso.

O projeto de governo, para o campo, até a década de 1990, tem sido de “civilizar” e modernizar o rural, como argumenta Arroyo, Caldart e Molina (2009). Desse modo, muitos dos seus agentes, filhos de agricultores, optaram em não permanecer no campo, geralmente, em função do trabalho árduo na agricultura, a necessidade que havia de mobilizar toda força física da família em prol da subsistência; isso incluía a força de trabalho da criança, nas atividades técnicas das diversas etapas da produção agrícola, fazendo com que a evasão, repetência fossem também aspecto recorrente em muitas comunidades pelo Brasil.

Nas representações de Osvaldo, os professores são pessoas distantes, e o aprendizado é visto sem importância. A realidade da escola e do sistema educacional, neste contexto, nem sempre conseguia contribuir com situações das sociabilidades camponesas próximas daquelas vividas no cotidiano das práticas da zona rural. Osvaldo (2006) ainda rememora sobre os processos de avaliação escolar. “*Na*

época, o “professor” não aplicava prova durante o ano, só no final de ano vinham os exames prontos e eram aplicados por pessoas estranhas, os alunos ficavam nervosos e não iam bem”.

Para Ghiraldelli Junior (2009) os exames finais, como práticas construídas, estava previsto em forma de Lei, antes da primeira LDBEN diferentes regulamentos e legislações regulavam as práticas avaliativas desenvolvidas nas instituições escolares. Além disso, isso estava previsto na legislação do período, definidas a partir das Leis Orgânicas do Ensino Primário, no Rio Grande do Sul, contava para efetivação do acompanhamento pedagógico com o Centro de Pesquisas e Orientação Educacional (CPOE) que era responsável pela política e administração das questões educacionais, imprimindo uma “marca” institucionalizada de modelos científicos de práticas de ensino, a partir da década de 1940 (Autor, 2014).

Outra entrevistada foi a aluna Silma Nunes Haubert, carinhosamente chamada pela comunidade como “Siroca”, e que corrobora as representações escolares de Osvaldo. Embora Siroca seja uma pessoa falante, bem disposta, a memória da escola também enfatiza as dificuldades do trabalho docente. Destaca na sua narrativa a desobrigação de ir às aulas, o que diminuía ainda mais o interesse. *“A escola não adiantou nada, não sei ler direito. O que aprendi foi com o pai. O professor não ensinava. Os alunos só brigavam, e eu não tinha compromisso de ir para a escola, era meio livre.”* Desse modo, ressaltamos o papel de agente transformador, motivador e parceiro da educação que pode desempenhar o professor, que além de contribuir para ensinar a ler, escrever e contar, pode inspirar no aluno projetos de vida, identificando no aluno aquele que aprende e faz aprender, de acordo com suas culturas, no contexto em que está inserido.

Em 1966 o ensino começa a ser por série, conforme consta nos livros de Atas da instituição, pois é a partir deste ano que as turmas são separadas por faixa etária, são avaliadas pelo seu aproveitamento, tem um profissional exclusivo para trabalhar. Os resultados começam a ser outros. A comunidade, que sempre foi comprometida, mobiliza-se para a construção de seu prédio próprio, para facilitar o aprendizado e as acomodações dos seus filhos que agora já somam mais de 50 educandos.

As modificações na estrutura física da escola, a chegada de novos professores e o trabalho de forma seriada, associada a diferentes ações em nível municipal, contribuíram para qualificar as práticas de ensino no meio rural. Nesse sentido, Werle (2005) acrescenta que em âmbito local, na região do Vale dos Sinos cursos de formação de professores eram oferecidos com intuito de modernizar e utilizar diferentes recursos para trabalho pedagógico docente.

As memórias do aluno Adalto Scherer (2006), que estudou nesta instituição em 1967, destaca que na José de Anchieta foi, *“Um lugar onde aprendi a ler e escrever, a me relacionar com outras crianças. Ali começou o meu futuro como um cidadão alfabetizado...”* Notem que a fala demonstra uma significação de relevância que a escola tem de possibilitar em seus educandos, não apenas o aprendizado tradicional, mas, principalmente, a valorização do ser humano enquanto agente transformador de seu meio.

Numa outra narrativa, José Carlos Momberger, aluno no ano de 1968, também apresenta uma lembrança que reforça o papel da educação e como recorda o seu tempo de estudante. “*O meu futuro devo tudo o que sei a ela, representa família, compreensão, respeito e carinho*”. Pode-se observar que, o relato dos ex-alunos apresentam uma visão histórica da Escola, evidenciam as dificuldades e as condições próprias dos primeiros tempos de sua trajetória, poderíamos dizer que até a década de 1950 e, entre as décadas de 1950 a 1970, o momento em que ela adquire seu prédio próprio e as práticas são modernizadas e qualificadas para o trabalho pedagógico, como refere Viñao Frago e Escolano Benito (1998).

Mesmo que as narrativas representem uma pequena amostra do que representou a presença da escola e os processos de escolarização desenvolvidos na localidade de São João do Deserto, bairro Lomba Grande, Novo Hamburgo; essas narrativas nos sensibilizam e trazem aportes para refletir sobre o papel transformador que ela teve na vida dos alunos, bem como na comunidade em que está inserida, evidenciando assim o que diz Werle (2004, p. 114): “a história das instituições escolares não é um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações, releituras que apresentam na dimensão de representação, de uma versão da história institucional”.

O educador precisa saber conhecer-se, conhecer e se apropriar da herança histórica da localidade, interligado com o nacional e internacional para poder compartilhar conhecimento e aprendizado, pois só se fará compreendido aquele que compreender onde e com quem está. Sendo assim, não existe uma escola abstrata descolada da realidade e da história. **Entendemos** que seja a escola rural⁵ ou urbana, a vida em comunidade e a relação com a realidade do aluno que faz com que a história de cada sujeito, o modo como rememora sobre seu tempo escolar, se torne única. Na direção da necessidade das atividades educativas buscarem a compreensão do movimento histórico da sociedade capitalista, deste na localidade e o sentido de ser da Escola. Evidenciamos aqui um crescimento populacional e participativo de uma comunidade, com objetivo de fazer aprendendo, conhecer fazendo para, sendo conhecido, aperfeiçoar o conhecimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há alguns anos atrás, por volta da segunda metade do século XIX, a concepção de escola era muito diferente da escola do início dos anos 2000. Pode-se observar que muitas mudanças aconteceram em decorrência da realidade que também sofrera grandes impactos de comportamento e visões sobre a escola, o ensinar e o aprender.

⁵ Nosso objetivo com este trabalho não é a discussão de uma escola do Campo ou no Campo, como argumenta, por exemplo Arroyo, Caldart e Molina (2009). Enfatizamos o meio rural como contexto, como espaço de produção de cultura e de práticas, como argumenta Demartini (2002).

A escola, até meados da década de 1970, no Brasil, foi considerada um lugar de saber, de referência para sociedade; onde era preciso, além de aprender, demonstrar bom comportamento, atitude que era rigorosamente exigida pelos professores. O ensino, na maioria das vezes, multisseriado, ou seja, crianças de diferentes idades eram postas na mesma sala de aula, onde para algumas era transmitido o conteúdo de primeira série, para outras de segunda série, e assim sucessivamente.

Em muitas das escolas multisseriadas, não havia muito diálogo entre professor e aluno, ao contrário, o professor falava e o aluno escutava. Além disso, nas escolas rurais, o ensino ia até a quinta série, quando então, muitas crianças paravam de estudar por falta de meios para deslocarem-se até outros lugares para continuar os estudos.

Geralmente o professor era alguém da localidade, que muitas vezes não tinha curso específico para o magistério, mas possuía saberes suficientes para serem transmitidos aos alunos, e por esse motivo, o professor era considerado, também, um ser nobre e muito respeitado pela comunidade.

A escola atual ainda preza valores como respeito e bom comportamento, não tão rigidamente como era antes, porque as crianças também mudam com o passar do tempo. A escola de hoje olha para a realidade do seu aluno, quer saber o porquê dele não estar com um bom rendimento, busca alternativas para melhorar seu desempenho, preocupa-se em oferecer um ensino de qualidade e diversificado, proporcionando atividades que vão além do tradicional “copiar do quadro”. Comparando-se à escola de tempos atrás, poder-se-ia dizer que, a escola do início dos anos 2000, percebe o aluno nas suas múltiplas habilidades e competências, portanto, discutindo com ele seus conflitos internos, com o objetivo de chegarem juntos a solução de intempéries que possam impedir de formar bons cidadãos.

4 REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARROYO, Miguel G; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs.). *Por uma Educação do Campo*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BERNARDES, Maria Goréti da Cunha. “O peso da Chave”. Conhecendo, convivendo e interagindo numa Escola da Zona Rural. 2006. 70f. Monografia (Curso de Pedagogia). UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2006.

BRANDÃO, Carlos. *O Trabalho de Saber: Cultura Camponesa e Escola Rural*. São Paulo: JTD, 1990.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes, Revisão técnica de Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

DEMARTINI, Zeila. Educação no campo: notas preliminares. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves; ALVES, Maria Leila; DURAN, Marília Claret Geraes. (Orgs.). *Políticas e educação: múltiplas leituras*. São Bernardo do Campo: UESP, 2002, p. 133-148.

DREHER, Martin N. *Breve história do ensino privado gaúcho*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

GHIRARDELLI JUNIOR, Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 2009.

KREUTZ, Lúcio. *Material didático e currículo na escola tentobrasileira*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1994.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar*, 18(2), dez. 2001, p. 13-28.

RAMBO, Arthur B. *A escola comunitária tento-brasileira católica*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1994.

ROLDÁN, Concha. *Entre Casandra y Clio*. Uma historia de la filosofia de la historia. Akal, Madrid, Espanha, 2005.

SERNA, Justo; PONS, Anaclet. *La historia cultural*. Autores, obras, lugares. Madrid: Akal, 2013.

SOUZA, José Edimar de. *Memórias de professores: histórias de ensino em Novo Hamburgo/RS (1940-2009)*. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

SOUZA, José Edimar de. *As Escolas Isoladas: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande – RS (1940 a 1952)*. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2015.

SOUZA, José Edimar de; CONCEIÇÃO, Caroline M. C. Escolarizar a infância: O “Jardim de Infância” na área rural de Novo Hamburgo/RS – 1942. *Travessias* (Unioeste Online), v. 8, n. 2, p. 240-251, maio./ago. 2014.

SOUZA, José Edimar de; GRAZZIOTIN, Luciane S. S. O cotidiano dos exames finais: práticas de uma escola rural de Novo Hamburgo (1961-1971). *Revista Educere Et Educare* (Unioeste Online), v. 8, n. 15, p. 261-273, jan./jun. 2013.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustín. *Currículo, espaço subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. *O nacional e o local: ingerência e permeabilidade na educação brasileira*. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2005.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar. *Cadernos de História da Educação*. n.3, p. 109- 119, jan./dez.2004.

Fontes orais:

Adalto Scherer. *Entrevista oral sobre sua experiência como aluno na Escola José de Anchieta*. Entrevista concedida à Maria Goréti da Cunha Bernardes, 05/01/2006.

José Carlos Momberger *Entrevista oral sobre sua experiência como aluno na Escola José de Anchieta*. Entrevista concedida à Maria Goréti da Cunha Bernardes, 12/01/2006.

Moacir Pereira. *Entrevista oral sobre sua experiência como aluno na Escola José de Anchieta*. Entrevista concedida à Maria Goréti da Cunha Bernardes, 05/01/2006.

Oswaldo Jacó Haubert *Entrevista oral sobre sua experiência como aluno na Escola José de Anchieta*. Entrevista concedida à Maria Goréti da Cunha Bernardes, 12/01/2006.

Silma Nunes Haubert *Entrevista oral sobre sua experiência como aluno na Escola José de Anchieta*. Entrevista concedida à Maria Goréti da Cunha Bernardes, 08/01/2006.

Title

Memories around a new Hamburg Teaching Institution (1923-1968): José de Anchieta school.

Abstract

The history of school institutions is a field of investigation that has expanded in recent decades, especially with regard to cultural aspects, the interior of the school, the ways of doing and the meanings attributed by the school community. The objective was to understand how schooling developed at José de Anchieta municipal school, located in São João do Deserto, Lomba Grande, Novo Hamburgo. In addition, the various facets passed in the trajectory of a school, what processes it went through, how schooling developed were some of the questions that we seek to answer with this research. The theoretical perspective for analyzing the memories and documents around the José de Anchieta school is based on cultural history. The writing of history is here understood as a practice whose subjects narratives and documents also contribute to know and understand the trajectory of a school institution and the context in which it is inserted. As a methodology we use documentary research and conducting oral history interviews. As results, we identified, through memories of students interviewed, some methodologies of teaching practice, from the perspective of the History of Education.

Keywords

School institutions; school in rural areas; José de Anchieta School.

Recebido em: 06/04/2020.

Aceito em: 27/05/2020.